

Rerum natura: compreender para não temer

Maryllu de Oliveira Caixêta

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia

Resumo Este é um estudo da obra *Rerum Natura* de Lucrécio. A princípio é necessária uma mirada acerca da vida e época de Epicuro, do qual o autor em questão era discípulo. Lucrécio foi um homem de extraordinária paixão, e desenvolveu as concepções físicas de seu mestre na obra poética aqui estudada. Este foi o maior desejo lucreciano: libertar os romanos da superstição.

Lucrécio escreveu a obra *Rerum Natura* com a intenção declarada de livrar os romanos do desespero causado pela superstição, o qual é sintoma da barbárie que se instala em épocas de crise. A religião apenas aumentava os temores do povo cada vez mais crente em agouros e sinais. Fazia-se necessária uma filosofia que respondesse às questões essenciais relativas à vida da população. Lucrécio encontrou no epicurismo os ensinamentos que embasariam sua obra e dariam uma intenção social a ela. O valor de *Rerum Natura* é sobretudo literário, visto que o olhar antropomórfico, germe da fábula, dispensado à natureza acompanha toda a tradição da literatura ocidental. Também o cuidado com a linguagem, a delicadeza das metáforas e a coerência curiosa de uma concepção física orientada pela imaginação não podem passar despercebidas. O princípio central dessa ciência física de valor poético é que “nada pode nascer de nada”, ou tudo poderia nascer de tudo. Nesse sentido, desenvolve uma concepção da natureza que explica todas as materialidades, inclusive o temperamento dos homens, estendendo-se uma analogia entre as partículas materiais e o ordenamento das palavras com suas subdivisões.

1. Epicuro: mestre de Lucrécio

A dimensão de um pensador como Epicuro não nos deixa perder de vista sua contribuição histórica. O imperador Alexandre morreu em 341 a. C., os generais disputavam o poder, as repúblicas gregas desaparecem, não há liberdade nem vida política. A religião não atraía muitos crentes, o que fazia com que a superstição e as especulações fossem cada vez maiores. Platão havia morrido em 347 a. C., sete anos antes, e deixado seu legado, obra de espírito e elevação inquestionáveis. Mas o pensamento grego estava lasso, necessitava de respostas imediatas, mais precisas sobre as carências contemporâneas. É então que surgiram o Epicurismo e o Estoicismo. O filósofo Epicuro, de família nobre empobrecida, provavelmente nasceu em 341 a. C., na cidade de Samos, e viveu em Atenas, sendo desconhecida a data precisa de sua morte. Seu pai era mestre-escola e sua mãe era adivinha, fazia profecias acerca do futuro. Por meio dela, provavelmente, é que Epicuro tem contato com as superstições numerosas de seu tempo (SILVA, p. 31).

Mais tarde se tornou filósofo e fundador da própria doutrina – o Epicurismo – que se diferencia profundamente do que era apresentado por seus predecessores Platão e Aristóteles, mesmo porque o rigor teórico nos dois era uma reação à atmosfera de dúvida e declínio moral produzida pelos sofistas. Sobre isso, E. Joyau diz-nos que “os dois grandes sistemas de Platão e Aristóteles teriam exigido, para serem bem conhecidos e compreendidos, um exame longo e paciente; (...) Epicuro não se demorou nesse trabalho; talvez porque não fosse muito capaz de o executar” (JOYAU: 1973, p. 11). Já Reinhold Aloysio Ullmann diz que “Epicuro conhecia as obras de Platão e Aristóteles. Do primeiro criticou a concepção política e religiosa. Do segundo aproveitou algumas idéias do *Sobre a filosofia*” (ULLMANN: 1989, p. 27). Se Epicuro não se dedicou ao estudo desses filósofos, isso pode ser considerado perfeitamente coerente com seu despreendimento confesso das formalidades teóricas. Joyau acrescenta que “Epicuro não é um filósofo original”, pois não tinha pretensões à glória literária e fazia pouco caso das artes, “dizia e acreditava provavelmente que, se sustentava tal ou tal teoria, não era porque Demócrito ou Aristipo lha tinham ensinado, mas porque ele próprio a tinha reconhecido como verdadeira” (JOYAU, *Op. cit.*, p. 18). Esse homem singular desprezava não só a investigação histórica, como ainda a geometria, aritmética, astronomia, música e poesia. “Epicuro também não dava importância ao que os gregos entendiam por *paidéia*, isto é, às artes liberais” (JOYAU: *Op. cit.*, p. 23). Fundamentava-se em sua crença de que nosso pensamento deve estar voltado ao que nos é mais íntimo, as crenças teóricas devem estar imbricadas nos princípios práticos, mesmo porque era preciso libertar o homem do temor da morte e do terror dos deuses, fazendo-o conhecer as leis e os princípios da natureza sobre os quais está fundamentada a moral. Epicuro vive em uma Grécia desacreditada do poder divino; sob o poder de Roma, os deuses não podiam mais ser invocados, nem sua suposta favorabilidade persuadiria os gregos. Ao invés disso, a situação humilhante que a Grécia vivia gerava no povo a superstição e o terror dos deuses, como já afirmamos. Era uma época de decadência política, econômica e religiosa, que formou indivíduos abatidos com esperanças de encontrarem a solução para as dores deste mundo material num outro “mais além”, onde experimentariam a paz. Este mundo era apontado pelas religiões orientais incipientes na promessa de uma existência melhor após a vida, ou ainda pelas próprias filosofias Epicurista e Estóica, que defendiam a melhora da forma de viver através do aperfeiçoamento da alma. Essas respostas às almas aflitas, somadas ao neoplatonismo, vão mais tarde tecer a malha do Cristianismo (ULLMANN: *Op. cit.*, p. 16). Semelhantemente aos evangelistas, Epicuro preparava seus alunos e os enviava para outras unidades, “igrejas”, assessorando-os por meio de cartas.

Primeiro foi mestre de letras, como o pai, depois abriu uma escola de filosofia em três cidades, depois em Atenas, aos trinta e seis anos. Sófocles baixou uma lei de que poderia não haver escola de filosofia sem autorização do povo, do governo, e expulsou todos os filósofos da cidade de Atenas. Também Epicuro talvez tenha sido exilado, mas eles puderam algum tempo depois voltar a Atenas. Epicuro passava então o dia no jardim de sua propriedade conversando com um ou outro de seus auditores. De modo que não tinham horário fixo nem se tratavam como alunos/professor, mas eram um grupo de filósofos discutindo. A influência que exercia sobre seus discípulos, segundo ainda E. Joyau, era mais devida a sua personalidade que a seu ensino. Morreu aos setenta e dois anos. Cícero e Sêneca louvam o amor dos epicuristas uns pelos outros, afeto que provocava o ciúme dos estóicos, menos populares por sua severidade.

Epicuro sabe que a filosofia deve à ciência a possibilidade de edificar um sistema completo, o que seria exigido pelo espírito. Mas ele contenta-se com uma “satisfação qualquer (...), não acredita que a fraqueza de sua física possa comprometer sua solidez moral” (JOYAU: *Op. cit.*, p. 18). Contrapõe-se a Aristóteles, para quem havia independência e legitimidade nos estudos especulativos, como se estimasse ainda mais as ciências quanto mais fossem inúteis. Para Epicuro a filosofia não era regra de procedimento, para ele filosofar estava menos em palavras que em atos. Define o objeto das três partes da sua ciência: a canônica, a física e a moral. A canônica aborda “o juízo, os fundamentos e elementos da lógica”, a física, que exploraremos um pouco aqui, trata

da “gênese, destruição e natureza”, e a moral sobre “o que se tem que adotar e o que se tem que evitar”.

O adjetivo *epicurista* durante algum tempo foi usado como sinônimo de *libertino*, devido a interpretações equivocadas, baseadas, por exemplo, no princípio do prazer, que Epicuro defendia, e também em informações acerca da presença freqüente de mulheres (inclusive prostitutas) nos jardins dele. Primeiramente o prazer do qual fala Epicuro é alcançado através da *ataraxia*, da imperturbabilidade do espírito, que só é conseguida quando se evitam as paixões, quando se come frugalmente, quando se dorme bem, quando se busca tudo o que nega uma vida de regalos sexuais e culinários. Nesse sentido Ullmann esclarece:

tem havido muita indignação pelo fato da escola estar aberta a mulheres, e por várias terem desempenhado nela um papel importante. Parece desconhecer-se a liberdade de que gozavam as mulheres na sociedade ateniense e gosto que manifestavam algumas pela cultura intelectual; parece esquecer-se sobretudo que Sócrates tinha prazer em conversar com mulheres, mesmo com cortesãs, especialmente com Aspasia. Havia um grande número de mulheres nas escolas de Pitágoras e de Platão. Os costumes dos epicuristas não parecem ter sido diferentes dos seus compatriotas e dos seus contemporâneos; seria muito injusto acusá-los como de um crime de práticas que a nossa moral condena, mas que não tinham sido eles a introduzir na Grécia (ULLMANN: Op. cit., p. 36).

2. Lucrécio e *Rerum Natura*

Não se sabe precisamente qual a data de nascimento e morte de Lucrécio, calcula-se que tenha vivido em Roma aproximadamente de 99 ou 94 a. C., até 56 ou 41 a. C. Essa foi uma época de muitas guerras, o que já eram sintomas do fim do império. Ele foi atacado de loucura após beber um filtro amoroso, escreveu o *Rerum Natura* nos intervalos da doença e suicidou-se. Segundo Agostinho da Silva (Op. cit., p. 20), levou uma vida intensa, era um homem de paixão, sagaz, de sólido ódio à religião e aos temores que ela impunha. Passou também por períodos de intensa solidão e refúgio na natureza. Assim é que o epicurismo tem influenciado poetas de todos os tempos, que em seus idílios buscam a reconciliação com a natureza como fonte de meditação poética. Mesmo alguns poetas modernos dialogam com essa característica marcante da tradição clássica, entre eles Rilke e o heterônimo Ricardo Reis. Neste último as relações com o epicurismo são estreitas.

Roma vivia um período em que a população era ainda mais atormentada pela religião que na Grécia de Epicuro, então Lucrécio apegava-se aos ensinamentos de seu mestre com ardor, como às concepções materialistas. Acreditava que o amor e a busca da sabedoria devem ser incessantes nos homens que anseiam pela melhora da condição humana através da *ataraxia*: “habitar o templo da ciência e contemplar dessa altura os desvãos da vida” (EPICURO & LUCRÉCIO, p. 62). O estudo era uma alternativa aos homens que, não conhecendo a natureza da morte, assustariam-se diante dela. Numa tentativa de evitá-la, ou de prolongar a vida, ou de esquecer a morte, acumulam bens e glória. Esses acúmulos causam inveja aos outros, o que gera contendas. O desejo do homem deveria ser o de conhecer, não o de acumular bens.

Alguns, equivocadamente, crêem ver contradições acerca da afirmação epicurista de que os deuses não interferem no destino humano. Lucrécio chega a dedicar o *Rerum Natura* ao jovem Mêmio, nobre que se consagrava aos assuntos públicos, citando seu nome algumas vezes no decorrer da obra e principalmente nas apresentações introdutórias de cada um dos seis livros. Também dedica a primeira parte do poema a Vênus, que é a natureza criadora e a mãe dos romanos. De acordo com Joyau, não exis-

te aqui sinal de crença nos deuses, o louvor a Vênus é alegórico e justificado pelos estudiosos como patriotismo do poeta, não sendo contraditória sua postura materialista.

A obra não explora o “princípio do prazer”, mas recorre à obra de Epicuro em especial no que trata “da física”, a qual foi fundamentada, como já dissemos, na concepção atomística de Demócrito. O tratamento dado à ética é econômico e em “Da canônica” foi explorado o princípio da infalibilidade dos sentidos. O princípio fundamental desenvolvido pela filosofia lucreciana é o de que “nada pode nascer de nada”, ou tudo poderia nascer de tudo. As coisas teriam germes em si mesmas, possuindo as sementes da própria constituição e assegurando sua insustentável permanência no mundo.

Sobre a diversidade do temperamento dos homens, diz que “o espírito não pode ser senão material, mas é constituído de corpúsculos de uma extrema finura e de espécies diferentes, e ora é um desses corpúsculos ora outro que predomina, daí vem a diversidade dos temperamentos” (RIBBECK, p. 64). Também atribui a essa finíssima constituição texturas de diferente predomínio em cada indivíduo, sendo os de espírito mais áspero, por exemplo, mais impacientes; os de espírito mais liso, mais redondos, são calmos como o próprio movimento do espírito que possuem.

O conhecimento que nos chega por meio dos sentidos é oferecido pelos simulacros que se desprendem das coisas e que são partículas as quais nos dão, através dos sentidos (tato, audição, visão, paladar, olfato), o conhecimento dessas coisas. O pensamento também desprende de si simulacros, que não liberam uma percepção infalível da alma, como a que os sentidos nos dão das coisas. Por essa interrupção é que nasce a “vontade”, que é a própria vontade que o pensamento tem de conhecer a alma. Somente no estado do sonho a alma debruça-se sobre si mesma, somente assim sossega. Talvez por isso nele os desejos se manifestem livremente, porque nele, no sonho, o pensamento, via sublime (como o éter que sublima, que perde-se, que evapora), descansa.

São seis livros as partes que constituem a obra. O primeiro trata da natureza da alma e seu destino após a morte, dos fenômenos celestes (movimento do sol e da lua), e da força que produz os fenômenos da Terra. O segundo é um estudo do movimento e combinação dos átomos para formar os corpos compostos e da liberdade no movimento dos átomos – declinação – como preceito moral à liberdade dos homens em modificar a alma. O terceiro livro fala da natureza da alma e do espírito. O quarto das percepções dos sentidos e do pensamento. O quinto explora as leis da criação e o sexto é um comentário sobre alguns fenômenos naturais como o relâmpago, o trovão, a formação das nuvens, a chuva e a neve, entre outros.

Segundo G. Ribbek, o valor de *Rerum Natura* está em seu tom e estilo elevados, na minuciosa observação dos sentimentos e no generoso ardor com que Lucrécio se compadece da vida e do destino da humanidade, pois o poeta nesse tempo tem o tom sublime do conhecimento enquanto “revelação”, mesmo a prosa já conhecendo a expressão que reconhecemos hoje como científica. Lucrécio teria sido tentado a ser o primeiro a “explicar aos romanos os segredos da criação, como primeiramente Ênio eternizara *os altos feitos do povo romano*” (RIBBECK: *Op. cit.*, p. 65). Ribbeck ainda diz que “não se trata de apreciar o valor da doutrina filosófica exposta por Lucrécio (...). O poema, tal como existe, não pode ser considerado uma perfeita obra-prima”. Considera a obra apenas de interesse histórico, pois não havia sido terminada por Lucrécio quando ele morreu e a preparação e publicação póstuma, feitas por Marco ou Quinto Cícero, não foram cuidadosas em sua opinião.

A respeito do fundamento de que “nada pode se criar do nada”, acrescentamos que “tudo se desenvolve sobre matéria própria e dela se alimenta”. Ao esclarecer-nos esse argumento, Lucrécio justifica-o através do tempo determinado de nascimento, crescimento e morte das plantas, estações, animais e homens. O tempo é o elemento que ordena a natureza, que se decompõe e compõe “pouco a pouco”. Com a passagem do tempo as coisas geram sementes de si mesmas, morrem e fazem nascer. A decomposição dos corpos, das coisas, dos objetos, torna possível o agrupamento de elementos que combinados podem formar outro conjunto semelhante aos corpos, coisas e objetos que compunham antes da decomposição trazida pela morte. Assim é que a vida vai se

organizando e se desorganizando sucessivamente, sempre com os mesmos elementos, através das mesmas possibilidades de combinação. Essas possibilidades são muitas e limitadas, muitas porque são muitas as diferenças entre os corpos, limitadas porque do contrário o mundo seria uma profusão de aberrações. Ao contrário, há o lugar certo no corpo humano para que nasça o braço, as macieiras não dão abacates, tudo no universo está organizado segundo o que é próprio ao ordenamento dos elementos finitos. Como admitirmos que um número finito de elementos pode possibilitar a existência de tudo que há? A explicação está nas várias possibilidades de combinação, “é mais fácil admitir que existe um grande número de corpos comuns a muitos seres como acontece com os elementos das palavras” (LUCRÉCIO. *Op. Cit.*, p. 81.). Depois, com a morte, “tudo volta (...) aos elementos da matéria” (Idem, p. 82.). Esse ciclo explica que a terra tenha garantido, através dos alimentos que produz, a permanência dos animais que dela sobrevivem. Esses elementos formadores da matéria se reúnem no tempo devido e são eternos, ou as coisas, os homens e os animais apareceriam e desapareceriam com a mesma instantaneidade desordenada. Quanto mais vazio há nas coisas, maior a possibilidade de se partirem, sofrerem a ação do fogo, da umidade, “se a matéria não fosse eterna, já há muito tempo haveriam todas as coisas volvido ao nada, e do nada nasceria tudo que vemos” (Idem, p. 86).

Nessa passagem Lucrécio usa o seu princípio físico da organização para falar das palavras, de como produzem sentido, de como diferem só pela posição que ocupam: “Além de tudo, é de grande importância, muitas vezes, considerar as combinações que formam, as posições que ocupam e os movimentos que uns dos outros recebem. São os mesmos os elementos que formam o céu, o mar, as terras, os rios, o sol e os que formam as searas, as árvores e os animais: mas em cada qual se movem de modo diferente. É o que se passa nesses meus versos: vão neles muitos elementos comuns a muitas palavras: e, no entanto, tem de se reconhecer que versos e palavras diferem muito entre si, não só pelo sentido como também pelo som com que soam. Tanto podem os elementos, só porque mudam de posição!” (Idem, p. 86.)

Sem dúvidas que por um processo natural, “tudo o que vemos” não nasce do nada. Ao contrário, nasce dos “elementos eternos”, para usar aqui a expressão de Lucrécio. Especulativamente imaginemos que, se Epicuro presenciasse hoje a existência de armas atômicas diria talvez que através delas os “elementos” retornam ao nada. A reação a isso talvez seria que do nada podem provir esses mesmos “elementos”. Como eles não se organizam, nesse processo de bomba atômica, de forma natural, nos dariam como resultado aberrações. Resultados que são plantas, animais, pessoas, destituídos de seus lugares e desempenhos naturais, organismos desorganizados. “Se os princípios das coisas pudessem ser vencidos e modificados de qualquer modo, haveria incerteza quanto ao que pode e ao que não pode nascer e quanto às leis que limitam, com exatidão, o poder de cada coisa, e lhe marcam o fim, e não poderiam as gerações ter produzido tantas vezes a natureza, os costumes, a vida, os movimentos dos pais” (Idem, p. 86). Sabemos que as coisas nascem de matéria, não do nada. Pois se elas nascessem do nada não poderiam ser ordenadas as estações, as sementes, os pais como geradores dos filhos, etc.

Os elementos formadores da matéria não se podem ver, são invisíveis, assim como os ventos que “varrem o mar e as terras e até as nuvens do céu” (Idem, p. 83). Acima o poeta usa do recurso somatório do “e” para conseguir eloquência, grandiosidade à explicação, já que ele era o condutor da “revelação” que seria dada ao povo. Devemos nos lembrar que não há aqui intenções filosóficas e sim poéticas, com objetivos de trazer paz aos romanos, não o de uma obra formalmente construída, como não a fizera antes Epicuro. Invisíveis também são os odores, o calor e o frio. Ilustrando a ação do invisível, Lucrécio fala com lucidez sobre a ação dos ventos do mar, da água que sulca a pedra sem que nossos olhos captem os momentos em que as matérias vão se transformando.

A matéria é composta de elementos e vazio. A existência do vazio é justificada pelo movimento, que só pode acontecer se os elementos não estiverem de tal modo justapostos que não permitam qualquer deslocamento deles ou por entre eles. O poeta

atribui a passagem do som, a transmissão do frio, as águas que correm dentro das rochas, os elementos que geram as frutas espalhadas por toda a árvore, ao vazio. O vazio é a via dessas passagens. “Existe misturado aos corpos aquilo que chamamos de vazio” (Idem, p. 86). Por exemplo, os peixes nadam porque a matéria da água contém grande quantidade de vazio entre os elementos que arredam ao movimento dos nadadores. “Poderiam os escamosos peixes avançar se as ondas não lhes dessem espaço? (...) Evitará que erre, duvidando, e andes sempre à busca das essências supremas e não confies nas minhas palavras. (...) A propriedade fundamental dos corpos (...) é de se opor e resistir”. Se não houvesse espaço vazio “nenhuma coisa tomaria a iniciativa de se deslocar” (SILVA. Op. cit., p. 21). A adjetivação anterior ao substantivo, as observações amplas e exemplificadas sobre a natureza, dão a variedade da aplicação desses preceitos. Lucrécio diz que “a um espírito sagaz bastam estas indicações”, se as achamos incompletas é nossa a falha, para ele a analogia é uma forma de acharmos a verdade como faz “um cão farejador”. Fala ainda de coisas como capazes de tomarem iniciativa, o que nos faz atentar para as concepções materialistas atribuindo à natureza uma animação muito semelhante às características divinas desacreditadas.

O poeta adota terminologias de uma ciência física muito distante da nossa, mas a leitura persiste interessante pela plasticidade do texto, pela segurança de que essas observações eram relevantes para a libertação de um povo. Embelezar a filosofia de Epicuro é seu meio de engrandecê-la. Notável é o minucioso trabalho implícito de observação da natureza, da qual são extraídos exemplos que dão simplicidade e beleza extraordinárias ao texto. Ainda podemos nos intrigar mesmo com as concepções físicas desse clássico, se percebermos as relações entre ele e os avanços da ciência hoje. Podemos também pensar na teoria do vazio possibilitando o movimento como estreita relação entre microcosmo e macrocosmo, conceitos bastante comuns no Renascimento. Grande parte dos físicos de hoje não considera que exista vazio, o que eles chamam vácuo, no ar. O vácuo só existe no espaço, isso por causa das proporções imensas na distância entre um planeta e outro. A distância entre as moléculas de ar é tão ínfima que a desprezamos e dizemos que não existe “vazio” entre elas. Se considerarmos que a água tem mais densidade que o ar, por exemplo, podemos ousar dizer que nela existe “menos vazio” que no ar, que nela as moléculas estão mais unidas.

Entre os planetas existe o vazio, o vácuo, porque os limites entre um planeta e outro são quase incomensuráveis. Se considerarmos as proporções, sabemos que mesmo no vácuo existem moléculas, por exemplo, de Hélio. Relativizadas as proporções, as definições de cheio e vazio ainda hoje inquietam os poetas. *Um copo vazio está cheio de ar*, diz o verso de Francisco Buarque de Holanda. Planetas e moléculas podem se aproximar quanto aos seus comportamentos naturais. Vamos considerar essa reflexão, inspirada por Lucrécio, pretensamente mais bonita que científica, tentativa canina, para usar uma expressão deste, de farejar com sucesso as verdades dos “recessos obscuros” sob as folhagens. Nós, que não temos bom nariz contamos com a benevolência de Lucrécio que diz a Mêmio: “com suave linguagem, se derramarão do meu peito, cheio delas, as doutrinas que bebi em grandes fontes” (LUCRÉCIO: *Op. Cit.*, p. 85). G. Ribbeck afirma sobre Lucrécio que “a própria doutrina epicurista, deve tê-la encontrado num resumo cômodo e com bastantes pormenores” (RIBBECK: *Op. cit.*, p. 70). Mas depois consente que Lucrécio foi homem “de cultura” e reconhece que só “uma força criadora de espécie rara (...) para dominar assunto tão difícil, com uma língua que de modo algum estava adaptada a esse novo gênero”.

O número de átomos é infinito, porque, do contrário, o universo conheceria o limite, a fronteira, para além do qual haveria o puro nada onde os elementos já teriam se perdido, se espalhado. As variações das formas dos átomos são finitas, como num jogo de “Lego”, o que restringe as possibilidades de organização em matéria, de encaixe de peças. Os elementos se movimentam pela força do peso, pelas ações externas dos choques que dão ou recebem, e pela própria vontade que é a “declinação”. A declinação é a possibilidade que cada átomo tem de decidir sobre seu itinerário, sobre que movimento fará, sobre seguir a trajetória a que foi impulsionado ou desviar-se. Esse é um princípio de moralização material: os átomos de que nos constituímos, de que se cons-

titui o universo, têm vontade assim como nós podemos decidir, desejar quais os movimentos virtuosos ao nosso espírito. Por esse poder de decisão é que o homem pode construir com esforço uma condição humana melhor. “Ora, é necessário aceitar que haja o mesmo nos germes das coisas, que haja para os movimentos uma causa distinta do choque e do peso: dela nos viria este inato poder, visto que nada pode vir de nada” (LUCRÉCIO, *Op. Cit.*, p. 99). Os germes das coisas são munidos de vontade. Os elementos que formam as coisas são os mesmos, apesar de não estarem combinados da mesma maneira, em todos os seres vivos e não-vivos. Por isso, por todas as coisas serem feitas de elementos coincidentes, apesar de não serem os mesmos em todas as coisas, é que a árvore, por exemplo, pode se alimentar da terra, que nós podemos nos alimentar das plantas, etc. Os elementos das coisas, por sua vez, têm formas desiguais, mesmo sendo essas desigualdades de variações finitas. Por isso tudo quanto existe é único, por exemplo, uma mãe pode distinguir seu filho e um grão de trigo não é igual a outro. Os corpos se assemelham por sua organização, os que têm mesma organização são muito parecidos.

Lucrécio afirma que os corpos belos, agradáveis ao gosto, são lisos e redondos, ao passo que os feios, os ásperos, são em forma de gancho. Destes um exemplo é o absinto e a bravia centaureia que por essa razão podem “despedaçar-nos as vias dos sentidos e exercem violência sobre os órgãos ao entrarem” (LUCRÉCIO, *Op. Cit.*, p. 100). Também os elementos dos corpos não possuem cor, nem cheiro, nem gosto, nem temperatura, pois sob algumas condições eles perdem essas características. Os elementos dos corpos não podem possuir características sensíveis, como as percebidas pelos sentidos, pois o que é vital também é mortal. Se os elementos fossem mortais, a muito o mundo teria se tornado nada, pois “nada pode vir do nada”. Para justificar sua posição sobre o sensível poder provir tanto do sensível como do insensível, Lucrécio é irônico ao falar que os elementos “sem dúvida riem, abalados por trêmulas gargalhadas, cobrem o rosto e a face com o orvalho das lágrimas, sabem dissertar amplamente sobre a mistura de corpos e até investigam quanto aos elementos que os compõem a eles” (Idem, p. 109).

O espírito tem uma natureza tríplice: espírito, alma e corpo. O espírito é a parte do corpo que concentra a inteligência, o temperamento, as tendências dos gênios. A alma é formada de elementos sutis que são como que um sopro de vida, o qual pode facilmente sair pelos vazios da matéria do corpo, caso este seja agitado por alguma doença. Se a dor nos penetra e causa grande mal, tudo se perturba até que falte lugar para a vida e fujam as partes da alma por todos os canais do corpo. Esta é ainda outra explicação para o fato de a alma ser mortal, ela só pode resistir, enquanto feita por sutis elementos ligados formando um todo com o espírito, dentro do corpo. Fora do corpo a alma se desagrega, deixa de ser alma. Por isso é que o suicídio não é condenável, podemos escolher o momento de soltarmos nossos elementos no universo. A sensibilidade é feita da mistura de sopro, ar e calor, em que nenhum desses elementos se sobressai. Vemos aqui como é estreita a relação entre espírito, aquele que possui a sensibilidade, e a temperatura que atribuímos aos temperamentos, às personalidades. “Com efeito, o espírito possui o calor, que recolhe quando referve em ira e faz brilhar os olhos com ardor agudo. Há também o sopro frio companheiro do medo, que provoca o arrepio dos membros e abala o corpo. E há também aquela condição pacífica do ar que se mostra no peito tranqüilo e sereno rosto. Existe, porém, mais calor naqueles que têm ardentes corações e cujo espírito iracundo facilmente ferve de ira” (Idem, p. 85). Lucrécio admite que nos homens existem “vestígios de caráter” que “a razão não pode afastar de nós”, aceita que nascemos tendentes à ira ou ao temor, como os leões são agitados, e as vacas são plácidas, os veados assustados e os felinos desconfiados, etc. Mas isso não nos impede de levarmos uma vida “digna dos deuses” (Idem, p. 117).

Devemos nos lembrar que a natureza não foi preparada pelos deuses para nós, nem a natureza é obra dos deuses. A natureza é obra da combinação dos elementos, e os deuses têm existência tão sutil, tão diversa daquela apreendida pelos nossos sentidos, que não a percebemos como eles não nos percebem. “Na terra, tudo convivia entrelaçado e quanto mais esse todo se misturava, mais faziam sair o que devia constituir

o mar, os astros, o sol, a lua e as muralhas do grande mundo” (Idem, p. 155). A terra recebeu o nome de mãe por ter criado todas as coisas; a raça humana e os animais. Sua produção cessou como a de uma “mulher cansada pela longa idade” (Idem, p. 160). Depois, quando os homens deixam as florestas e constroem casas, se tornam mais sensíveis ao frio, aos rigores do tempo. Os meninos, seus filhos, abrandam o coração dos pais, passa-se a ter cuidado com os mais fracos, com as mulheres, nasce a amizade entre os vizinhos, os homens dão nomes às coisas segundo a necessidade de nomeá-las. Essas mudanças é que tornam possível que o homem tenha vivido em sociedade até os dias de hoje (Idem, p. 163). Contudo, à afeição que preserva, a vida devemos contrapor a perturbação do amor, que a tudo nubla, que desequilibra os homens e por isso deve ser evitada. Outro aspecto de extrema importância é a descoberta e posterior domínio do fogo, que pode ter sido descoberto pela força dos raios ou na queda das árvores em atrito com outras. “Começaram os reis a fundar cidades” e distribuíam benefícios aos homens “segundo seu aspecto, as suas forças e a sua inteligência; (...) o aspecto valia muito e as forças tinham grande importância” (Idem, p. 165). O ouro depois de explorado é o que há de mais importante, “de fato, muitas vezes seguem a comitiva de qualquer rico aqueles que são fortes e de mais belo corpo”. Com base na história da Grécia e de Roma, Lucrécio explica o nascimento do direito articulado pelo desgaste que causaram nos homens a violência e inimizades geradas na luta pelo poder. É o motivo da queda dos reis e do nascimento da República.

Bibliografia consultada

EPICURO, LUCRÉCIO. *O Epicurismo e Da Natureza: contendo uma Antologia de textos de Epicuro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

LINS, Ivan. “Introdução”, in: *O Epicurismo e Da Natureza*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

JOYAU, E. “Introdução”, in: *Epicuro: antologia de textos*. São Paulo: Editora Abril, 1973.

RIBBECK, G. “Estudos introdutórios”, in: *O Epicurismo e “Da Natureza”*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

SILVA, Agostinho. “Prefácio”, in: *O Epicurismo e Da Natureza*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: filósofo da alegria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.